

Revistas científicas brasileiras. Publicar e perecer?

Brazilian scientific journals. Publish and perish?

O crescimento da produção do conhecimento científico no mundo é um fenômeno bem conhecido. Evidentemente esta alta produção torna-se irrelevante se não for acompanhada de sua divulgação com fidedignidade e qualidade, o que exige, como condição *sine qua non*, que os veículos de divulgação tenham características técnico-científicas mínimas, a fim de oferecerem as informações necessárias para uso no processo de desenvolvimento de qualquer país. Ademais a disseminação da informação científica deve ser feita na quantidade correspondente ao que foi produzido em termos de conhecimento e inovação. De posse desses elementos, os tomadores de decisão em qualquer nível, público ou privado, terão os meios necessários para a promoção de políticas e gestões adequadas aos seus programas de trabalho. Como mostrado por Alvin Toffler nos seus dois livros *A Terceira Onda* e *Power Shift*, o aumento do conhecimento e, especialmente, o crescimento técnico-científico, representa aumento de poder.

Nesse contexto o Brasil tem demonstrado, nos últimos 30 anos, um ritmo acelerado, o que pode ser verificado pelo aumento de suas publicações científicas indexadas no sistema ISI –Thomson Reuters, a mais respeitada base bibliográfica mundial. Com 2% da produção de artigos científicos em revistas com fator de impacto, o país ultrapassou todos os seus concorrentes latino-americanos e mesmo alguns países europeus.

Entretanto, dois aspectos ainda são críticos. Um deles é que países em desenvolvimento como a Coréia e a China têm ritmo de publicação ainda mais acelerado; o outro, muito mais sério, é que, embora o Brasil tenha avançado na quantidade de artigos publicados em periódicos de grande renome, poucos destes são editados no país. De fato, a visibilidade internacional das revistas científicas publicadas no Brasil é ainda muito pequena. Embora no nosso país sejam editados cerca de 3.000 periódicos, menos de um décimo destes estão indexados na base ibero-latino americana SciELO. Em bases de grande representação mundial, como ISI e o Pubmed, menos ainda. Além disso, não chega a uma dezena o número de revistas brasileiras que ultrapassam atualmente uma unidade no fator de impacto, medido pelo ISI.

É importante reconhecer que os órgãos patrocinadores e gestores da pesquisa científica no Brasil, como o CNPq e a CAPES, têm investido fortemente em programas destinados à sua melhoria, o que muito tem contribuído, ao lado do esforço dos editores, para a continuidade e a inserção mundial de vários dos nossos periódicos. Não é sem razão que a CAPES está procurando implantar várias e diferenciadas alterações no seu sistema Qualis, o que significa maiores exigências para os cursos de pós-graduação, sabidamente a fonte da quase totalidade da produção científica do país. Os aspectos positivos dessas alterações são óbvios, pois os programas, dentro da lógica do *Publicar ou Perecer*, procurarão aumentar as suas publicações em revistas de maior impacto, que são, na maioria, produzidos no exterior. Isto favorecerá, certamente, uma maior visibilidade da ciência produzida no Brasil, o que é muito bom.

Mas aqueles programas cuja produção científica, devido a sua natureza e escopo, só possa ser veiculada em periódicos, que mesmo qualificados tenham menores índices de impacto, serão penalizados conforme os conceitos atribuídos pela CAPES. Ou seja, ainda que divulgando conhecimentos científicos relevantes para o país em revistas brasileiras bem qualificadas, poderão ser rebaixados naquele conceito. Isto que dizer, em outras palavras, o surgimento de uma outra lógica, que para muitos cursos de pós-graduação, corresponde, não a *Publicar ou Perecer*, mas a *Publicar e Perecer*. Podemos considerar, entretanto, que, embora este seja um triste panorama para nossa Pós-Graduação em muitas áreas, não deixa de ser também um estímulo e um desafio para que ela produza pesquisas de melhor nível e para que os periódicos brasileiros busquem uma maior integração ao cenário da editoração científica mundial. Para estes a busca de uma excelência qualitativa, aliás um constante desafio de qualquer editor, torna-se ainda mais premente. E salutar, pois todos precisarão aumentar as suas exigências editoriais a fim de alcançarem mais altos padrões técnicos e científicos.

O grande historiador inglês Arnold Toynbee, ao desenvolver a sua teoria do Desafio-Resposta (vide "Um Estudo de História") para interpretação da história universal, propõe que a sobrevivência de uma comunidade, sociedade ou civilização depende da forma e dos meios que elas utilizam para fazer frente as dificuldades dos momentos críticos.

Não é razoável publicar e perecer.

Como comunidade científica, no presente contexto, cabe portanto respondermos ponderadamente e da maneira certa ao presente desafio.

José Eulálio Cabral-Filho

Editor Executivo da Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil